UMA PRÁTICA ESCOLAR SOBRE A LEITURA E COMPREENSÃO DE TIRAS

A school practice on the reading and understanding of strips

CORREIA, Roseli Luz
Universidade de São Paulo

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mostrar quais são as dificuldades que impedem o aluno do Ensino Fundamental de compreender o teor das tiras. Este trabalho é embasado nas teorias que tangem à linguística textual e apresenta uma breve análise de duas tiras: uma da Turma da Mônica e outra da personagem Mafalda. O artigo apresenta ainda, em suas considerações finais, que a leitura de tiras deve ser uma constante em sala de aula, nas mais diversas disciplinas.

Palavras-chave: tiras; gênero textual; humor

Abstract: This article aims to show which are the difficulties that prevent the Elementary School student from understanding the content of the strips. This work is based on theories that deal with textual linguistics and presents a brief analysis of two strips: one from Monica's Class and another from Mafalda's character. The paper also presents, in its final considerations, that the reading of strips should be a constant in the classroom, in the most diverse disciplines.

Keywords: strips; textual genre; humor

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade expor alguns elementos que dificultam o entendimento dos alunos de Ensino Fundamental quando solicitada a leitura de tiras durante as aulas e até mesmo em questões de provas internas ou externas, como o SARESP, por exemplo.

Nesse segmento, lidamos com classes de aulas heterogêneas e os perfis dos alunos vão do adequado ao abaixo do básico, quanto ao nível de proficiência, e os professores de Língua Portuguesa devem atentar-se para essa diferença, quando vão desenvolver algum trabalho que envolva a leitura e a interpretação de textos.

Ao ler, o aluno precisa ativar todos os conhecimentos, já que “a leitura é considerada um processo interativo”. (KLEIMAN, 2008, p.13)

A autora afirma ainda que

> *A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor*

> *utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.* (KLEIMAN, 2008, p.13)

É preciso intensificar os trabalhos que envolvam a leitura. Entregar o texto nas mãos do aluno e esperar que ele corresponda de maneira positiva ao que lhe foi perguntado, muitas vezes é utópico, visto que grande parte dos alunos assimila somente o que está explícito no texto.

Quando o texto apresenta linguagem verbal e não verbal, a dificuldade se intensifica. Aquilo que poderia servir de apoio para o aluno no processo de compreensão do texto, acaba não sendo "lido" por ele, até porque ele não depreende esse tipo de leitura. Se não lhe for ensinado e se isso não se tornar prática de sala de aula, não haverá progresso.

Ler tiras vai permitir ao aluno desenvolver as habilidades de compreender principalmente os implícitos, estabelecer relações entre a imagem e o corpo do texto, identificar o sentido conotativo das palavras, inferir informação pressuposta ou subentendido texto lido e, finalmente, suscitar a compreensão das funções sociais da leitura.

1. A prática de leitura

A leitura é uma atividade complexa que vai muito além da simples decodificação dos grafemas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) declaram que ler não implica em somente extrair informações da escrita, mas de compreender de modo que os sentidos passam a ser constituídos antes da própria leitura. Para tanto, ressalta a importância de se utilizar estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação.

1.1. Os gêneros e suas linguagens

Mikhail Bakhtin é tido hoje como uma referência para os estudos da linguagem. Compreender os gêneros implica em compreender a sua dinamicidade. Bakhtin (2003) salienta que os gêneros discursivos, em sua diversidade, não apresentam limites. É possível compreender que as atividades humanas se agrupam em esferas de comunicação e estas são compostas de

gêneros os quais se distinguem e se expandem, fazendo crescer também a esfera de que fazem parte.

Em seu livro **Gêneros Orais e Escritos na Escola** (2004), Dolz e Schneuwly apresentam um capítulo intitulado Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino, bastante esclarecedor para quem procura desenvolver um trabalho sobre a diversidade dos gêneros no ambiente escolar. Os autores definem as práticas escolares, as atividades e os gêneros de linguagem e expõem a escola como lugar de comunicação ao afirmarem que "o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam. " (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 78). Para os autores, a consequência dessa transformação é o aparecimento de novos gêneros e novas possibilidades de comunicação.

Entendemos que as práticas discursivas são as colunas que estruturam o ensino da língua. No entanto, não é uma tarefa muito fácil associar o trabalho que professor desenvolve livremente com seus alunos àqueles que já vêm pré-estabelecidos pela Proposta Curricular, embora seja como proposta que ela deva ser tratada, isto é, utilizar a proposta curricular implica em aceitar uma sugestão para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.Como afirma Dolz e Schneuwly (2004, p. 67)

> *[...] é somente uma proposta provisória de um currículo aberto e negociado. Aberto, pois não recobre a totalidade das atividades possíveis em expressão oral e escrita; aberto, pois não pode antecipar todos os problemas de aprendizagem e, assim, os professores devem adaptá-lo e completá-lo em função de situações concretas de ensino. Esse caráter aberto de um currículo pede contínuos ajustes não somente no nível local, mas também no da progressão interciclos e intraciclos. Negociado, pois diferentes atores participam nas diferentes fases de elaboração e, depois, de ajuste.* (DOLZ E SCHNEUWLY 2004, P. 67)

Rojo (2000) defende a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, em especial aos que se referem à Língua Portuguesa e justifica que essa elaboração é um procedimento que serve de guia para os currículos e seus conteúdos mínimos necessários para desenvolver as habilidades e competências nos alunos. A autora esclarece ainda que "*gêneros discursivos* ou *textuais* são tomados como *objetos de ensino* nos PCNs".

Nesse sentido, a autora aponta a organização dos gêneros textuais em agrupamentos e, de acordo com Dolz e Schneuwly (1996 *apud* Rojo, 2000, p.34) deve-se propor "um agrupamento de gêneros essencialmente regido pelas capacidades de linguagem exigidas pelas práticas de uso da linguagem em pauta e que os distribui por cinco domínios". Os autores classificam esses grupos, expectando um avanço nos domínios narrar, relatar, expor, argumentar e instruir.

1.2. Termos e formatos das tirinhas

Encontramos vários nomes para o que chamo aqui de tiras: tiras cômicas, tiras, tiras de quadrinhos, tiras de jornal. Segundo Ramos (2011) a falta de critério no uso desses termos conduz a uma desorganização do processo de compreensão do texto. Faz-se necessário revelar as características que tornam uma tira cômica uma tira cômica e não outro gênero.

Ramos (2011, p.87) salienta que "As histórias em quadrinhos seriam híbridas, verbais e visuais, e predominantemente narrativas. [...] Quadrinhos seriam um grande rótulo, que abarcaria diferentes gêneros, entre eles as tiras.

Para classificarmos as tirinhas é preciso levar em conta o seu formato, uma vez que é o modelo que gera a possibilidade de leitura. Eisner (2005 *apud* Ramos 2011, p.87) afirma

> *Os leitores de quadrinhos esperam que os quadrinhos cheguem até eles em embalagens familiares. Uma história contada num formato não-convencional pode ser percebida de maneira diferente. O formato tem uma influência importante na narrativa gráfica.* (EISNER. 2005 *apud* Ramos 2011)

Percebemos que em questões de alguns livros didáticos e questões de provas externas, como o SARESP, por exemplo, o formato é o mesmo, mas continuam divergentes as denominações que se dá ao gênero de texto. Isso também não implicaria em quebra de expectativa do aluno no momento em que vai efetuar a leitura e tentar compreender o teor do texto?



(Livro didático Português Linguagens. 9º ano. 2012, p. 37)



http://pt.scribd.com/doc/44428292/SARESP-2010

Ramos (2011) revela que quadrinhos apresentam um formato mínimo de uma página, por se tratarem de narrativas maiores que as tiras e que neles é possível perceber o tema que será lido. Isso nem sempre ocorre nas tiras.

O formato “oficial” das tiras seria o de três quadrados, separados por hiatos ou sarjetas (espaço entre eles), cuja parte superior apresenta nome do autor no canto esquerdo e o nome da tira, no direito.

1.3. Um pouco a história das tiras

O nome tiras é decorrente do espaço que utiliza. O autor esclarece que “o modelo horizontal foi o padrão adotado pelos jornais para adaptar a história ao tamanho da página. ” (RAMOS, 2011, p.91). Tal padrão colaborou com a venda das histórias e um mesmo produto poderia ser ofertado a diversos jornais. Isso se deu nos Estados Unidos, no início do século XX.

Depois disso, esse gênero se expandiu para vários países e, hoje, conta com o recurso da internet para aumentar a sua divulgação, por meio de blogs e sites. Nos jornais impressos, como *Folha de S.Paulo*; *O Estado de S.Paulo* e *O Globo*, são publicadas em cadernos destinados ao humor e a passatempos, em

que há uma mistura de tiras nacionais com tiras que não são produzidas em nosso país.

Vale relembrar que todas as tiras possuem as mesmas características, já citadas anteriormente. Isso só vem reafirmar que o formato é um elemento fundamental desse gênero.

1.4. O humor e a leitura tiras

Ler tiras e compreendê-las não tem sido uma tarefa fácil de ser executada por alunos, principalmente alunos do Ensino Fundamental. De acordo com Acevedo (1990 *apud* Ramos, 2011, p.143) “a leitura dessas histórias pressupõe um ato complexo de abstração e de síntese por parte do leitor.”

É preciso levar em conta a linguagem não-verbal, pois é ela leva o leitor a compreender o conteúdo do que está lendo e aliada a linguagem verbal, pode criar efeito de sentido.

Muitas vezes as tiras são vistas pelos leitores como piadas e há muitas semelhanças entre os dois gêneros. Ramos (2004) afirma que

> *São narrativas, têm o humor como mote central e propõem ao final uma situação inesperadamente engraçada por meio de recursos linguísticos. A diferença reside nos elementos visuais presentes nas tiras e ausentes na piada produzida na forma escrita.* (RAMOS 2004)

Encontrar o humor na leitura de uma tirinha pressupõe elementos fonéticos, semânticos, morfológicos, sintáticos e, novamente, ao ato de ativar os conhecimentos prévios de leitura. Mas, sobretudo ao recurso da imagem, que funciona como um apoio e um fio condutor da narrativa.

1.5. O sentido literal e as inferências

Muito se discute sobre sentido literal e sentido conotativo, mas acabamos por tratar esses dois tópicos como antônimos. Marcuschi (2008), no entanto, contesta tal afirmação pois acredita que o sentido é um efeito e não uma propriedade inerente ao item lexical. Dessa forma, o autor nos revela que

> *Não se trata do sentido dicionarizado nem de uma oposição ao sentido figurado e sim daquele sentido que é construído como preferencial. Assim, não se pode vincular o sentido literal de forma automática a palavras, pois elas podem ter vários sentidos literais.* (MARCUSCHI, 2008, p.235)

Devemos levar nosso aluno à compreensão dos diversos sentidos, mesmo que literais, das palavras em um contexto. Ele precisa alcançar essa apreensão e, no ato da leitura, ter o entendimento do sentido em que o vocábulo foi empregado.

De qualquer forma, seja qual o sentido, literal ou não literal, para se obter compreensão propriamente dita, faz-se necessário levar o aluno a realizar inferências, criar hipóteses, trabalhar com deduções.

Segundo Marcuschi (2008), há dois paradigmas quando se trata de compreensão: decodificação e inferência. O primeiro vê a língua como código, em que se abstrai informações já contidas no texto, e o segundo como atividade, cujo trabalho é de construção e de interação. “As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto. Funcionam como estratégias ou regras embutidas no processo. ” (MARCUSCHI, 2008, p.249)

Posto isso, entendemos que em uma interpretação final contida no texto, os implícitos serão revelados por meio de um trabalho que envolva a situação de comunicação em que o leitor consiga restabelecer as intenções do produtor do texto.

2. Análise de tirinhas

Como levar os alunos à leitura de tiras e possibilitar que os mesmos cheguem à compreensão do texto e, finalmente, possam responder à pergunta clássica*: em que consiste o humor da tira?*

Há um trabalho que precisa ser desenvolvido, uma vez que nem sempre a compreensão do texto se dá de forma imediata, em uma primeira leitura.

Vejamos um exemplo:



http://cantinhofer.blogspot.com.br/2013/03/personagem-monica-turma-da-monica.html

Para realizar a leitura dessa tira, aluno precisa primeiramente conhecer os personagens que fazem parte dela. Ao retomar quem é o personagem Mônica

e o que o seu coelhinho Sansão representa para ela, vai entender a indignação de ver as orelhas do Sansão amarradas. Quanto ao personagem Cebolinha, o aluno deve previamente saber que uma das formas que ele utiliza para provocar a amiga Mônica é pegando seu coelho e amarrando suas orelhas.

Caso isso não seja do conhecimento do aluno, faz-se necessária essa apresentação. É muito importante que o aluno faça também a leitura da linguagem não verbal. As expressões faciais da Mônica, no primeiro quadrinho, indicam que ela está enraivecida. É possível observar também que o balão que contém a fala de Mônica- balão-grito- possui contorno tremido, o que traduz uma irritação ou expressão de horror.

Feita essa análise, é possível identificar o humor contido na tira. Ele ocorre pela interpretação que o Cebolinha dá ao termo “isto” utilizado por ela. Enquanto Mônica quer uma explicação para o ato cometido por ele, Cebolinha atribui um sentido ao nó dado nas orelhas do coelho, contrário ao esperado por ela. Calmamente demonstra que talvez devesse apertar mais o nó, o que a deixa sem nenhuma reação. Basta observar sua expressão estática.

Mas nem sempre essa é a dificuldade do aluno na leitura de uma tira. Algumas vezes, o aluno busca a compreensão somente naquilo que lê e observa na linguagem não verbal. Ele é incapaz de fazer inferência, de compreender aquilo que esteja implícito no texto. Vejamos agora uma tira da Mafalda:



http://www.rua.ufscar.br/site/wp-content/uploads/mafalda-3.jpg

A tirinha começa com um problema quanto ao sentido empregado pelo substantivo “luta”. O pai da personagem Mafalda parece conhecer apenas o sentido denotativo da palavra luta- combate, conflito, confronto- e é a ele que o pai se refere, ao acreditar que a televisão talvez transmitisse um combate esportivo, por exemplo. Porém, percebe se tratar de uma novela.

Na verdade, Mafalda utiliza o sentido figurado - oposição firme de ideias, interesses- para designar o termo em questão. Ao chegar ao último quadrinho, que apresenta uma crítica à televisão, em especial às novelas, o aluno se depara com um problema. A fala toda da personagem foi empregada em linguagem conotativa e sua compreensão não é tão clara assim, principalmente para quem não compartilha de sua ideia crítica em relação às novelas.

É interessante que o professor apresente a personagem aos alunos, como uma menina preocupada com a Humanidade e a paz mundial. Todos os alunos compreendem a expressão “garras da inteligência”? Todos os alunos são capazes de perceber que, muitas vezes, as novelas alienam as pessoas? Todos os alunos conhecem de fato a inteligência e criticidade da personagem Mafalda? Esses são alguns implícitos do texto que não são notados pela maioria dos alunos.

Um texto, relativamente curto, contém muitas informações. Como levar o aluno até elas? A prática da leitura de tirinhas é uma saída, assim como a leitura feita pelo professor, juntamente com o grupo discente. Trabalhar com esse tipo de leitura deve ser um hábito, mas não apenas na disciplina de Língua Portuguesa. Quando o aluno se dá conta de que há um trabalho interdisciplinar, em que professores trabalham de maneira unificada, a aprendizagem se dá sem tantas dificuldades.

3. Considerações Finais

Os livros didáticos em suas edições atualizadas trazem como parte do conteúdo as tiras, mas muitas vezes elas são apresentadas apenas como pré-textos para se trabalhar questões da língua. Avaliações externas sempre formulam questões envolvendo tiras e revelando-as como gênero textual. Qual é, então, o trabalho do professor?

Essas tiras devem ser aproveitadas, mesmo que no momento em que apareçam, sejam utilizadas para outro fim, e devem ser lidas com os alunos. Fazer a leitura da linguagem verbal e não-verbal, observar se foi empregada ou não a linguagem conotativa, levar os alunos a fazer inferências, deduções.

Devemos fazer desse tipo de leitura uma prática. Chegará o momento em que o aluno terá êxito na compreensão da leitura, será capaz de perceber se a

tira contém humor ou crítica e esse trabalho será de grande ajuda para a leitura e compreensão de textos de quaisquer outros gêneros textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-53/197]. p. 261-306.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: Linguagens, 9º ano - 7ª ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2012

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da Leitura**. 11ª Edição. Campinas, SP: Pontes, 2008

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008

Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Volume 2. Brasília, 1997

RAMOS, Paulo. **Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011

_____ (2004) **Piadas e tiras em quadrinhos: uma aproximação possível.**

ROJO, Roxane. (Org.) **A prática de linguagem na sala de aula: Praticando os PCNs**. São Paulo/Campinas: EDUC/Mercado de Letras, 2000

http://cantinhofer.blogspot.com.br/2013/03/personagem-monica-turma-da-monica.html acesso em 25/01/2014

http://pt.scribd.com/doc/44428292/SARESP-2010 acesso em 25/01/2014

http://www.rua.ufscar.br/site/wp-content/uploads/mafalda-3.jpgacesso em 25/01/2014